

# UMA ANÁLISE DOS CONTOS DE “EVELINE”, DE JAMES JOYCE, E “FRANÇOISE”, DE LUIZ VILELA, SOB O OLHAR DA LITERATURA COMPARADA

Clea Marcia Lourenço Carvalho

[clea.carvalho@ufms.br](mailto:clea.carvalho@ufms.br)

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

**Resumo.** *O estudo e análise de diferentes obras podem mostrar como diferentes autores separados temporalmente e no espaço apresentam similaridades e, principalmente, dissonâncias em suas produções estéticas. No âmbito da Literatura Comparada, este artigo tem como objetivo principal analisar, sob diferentes perspectivas, dois contos, sendo o primeiro “Eveline”, do autor irlandês James Joyce, e o segundo “Françoise”, do contista brasileiro Luiz Vilela. A metodologia utilizada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica envolvendo a recepção da crítica literária de acordo com os preceitos de teorias relativas à Literatura Comparada. Os aspectos analisados envolvem os conceitos de influência, esclarecido por Sandra Nitrini (2000) e Valéry (apud NITRINI, 2000) – como a produção de algo único, novo –, intertextualidade, cunhado por Kristeva (1974) e exemplificado por Tania Franco Carvalhal (2003), a forma como a transposição opera em um novo texto, de acordo com Kristeva (1974) e Laurent Jenny (1979), e, por fim, o peso da tradição, segundo Eliot (1989), Borges (2000) e Nitrini (2000). Os resultados apontam para esses diversos conceitos atuando em diferentes camadas no texto de Vilela em relação ao texto de Joyce, apresentando similaridades explicadas por tais conceitos, mas, também, divergências, caracterizando a*

*originalidade da obra posterior. Por fim, ressalta-se a questão da criticidade apresentada pelo leitor.*

**Palavras-Chave.** *análise comparada; intertextualidade; transposição; tradição.*

## **1 Introdução**

Para Antônio Cândido (2011), a literatura aparece claramente como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos (CÂNDIDO, 2011, p. 176), isto é, a literatura é parte essencial da história humana. Através da literatura, é possível viajar a outras terras ou, inclusive, a outros mundos sem sair de dentro de sua casa.

Nesse contexto literário, inserem-se os mais diversos gêneros textuais, dentre eles, o conto. Cortázar (2006), ao se referir ao conto, diz “[...] tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana. O excepcional reside numa qualidade parecida à do ímã.” (CORTÁZAR, 2006, p. 154). Dessa forma, dois contos chamam a atenção, “Eveline”, de James Joyce, e “Françoise”, de Luiz Vilela, pois as excepcionalidades desses contos atraem, além de leitores curiosos, os mais diversos pesquisadores a fim de analisar essas obras. A escolha dessas duas narrativas para análise no presente artigo pode soar arbitrária, porém, ao se tratar de literatura, Cândido (2011) justifica essas escolhas já que o campo da literatura “[...] parece corresponder a uma necessidade universal [...]” (CÂNDIDO, 2011, p. 177). Considerando-se essa necessidade universal de alimentar a alma com as palavras, surgiu a proposta de análise desses dois contos.

Para que essa análise se realizasse, a Literatura Comparada forneceu os instrumentos necessários para se atingir esse objetivo. A questão da influência, esclarecida por Sandra Nitrini (2000), e a singularidade de uma nova obra a partir de influência, por Paul Valéry (*apud* NITRINI, 2000), mostrando que aquilo que é digerido é transformado e tem como resultado algo único e singular, ajudaram a atingir essa meta. Ademais, a força da intertextualidade, cunhada por Júlia Kristeva (1974), exibida e explicada por Tania Franco Carvalhal (2003) e contraposta e complementada por Laurent Jenny (1979) quando trataram, por vezes, da transposição também teve um papel importante. Todavia, a culminância se faz presente com o peso da tradição, mostrado por Borges (2000), T. S. Eliot (1989) e Nitrini (2000).

Assim, após a análise dos contos com o apoio desses teóricos, chega-se à conclusão de que há muito da protagonista Eveline, de Joyce, na personagem também protagonista Françoise, de Vilela. Mostra-se, aqui, que as similaridades vão além de ambos os contos terem como título os nomes das protagonistas: ambas as histórias tratam de solidão, porém

cada uma escrita à maneira do escritor/contista, o que vai em consonância com a transposição, a passagem de um texto para outro, mas transformado. Um autor absorve o outro e produz a sua história, não menos original e excepcional.

Dessa forma, o segundo conto, “Françoise” consiste também no que Kristeva afirma: “[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p. 64). O peso da tradição faz com que um autor crie seus predecessores, pois ela não é ganhada, é forjada. Porém, a compreensão dos textos a partir dessas acepções também depende do olhar crítico do leitor.

A segunda seção deste artigo trata da análise e compreensão do conto “Eveline”, de James Joyce. A terceira apresenta a análise, compreensão e comparação do conto “Françoise”, de Luiz Vilela, em relação ao conto de Joyce. Por fim, a quarta traça as considerações finais sobre os objetos literários aqui analisados.

## **2 Eveline, de James Joyce, uma protagonista indecisa e solitária**

O quarto conto do livro *Dublinenses*, “Eveline”, de James Joyce, começa retratando uma jovem que observa a avenida em um entardecer. Na narrativa, ela apresenta um cansaço, não há muito movimento, há uma descrição do barulho que os passos do morador fazem e da cor dos tijolos da casa. Em seguida, há uma rememoração do tempo passado, da infância, das brincadeiras que ela fazia com os vizinhos e irmãos. O garoto Ernest, seu irmão, não brincava. Um deles ficava vigiando caso o seu pai viesse para enxotá-los de lá. A lembrança é de que “[...] pareciam ter sido felizes [...]” (JOYCE, 2014, p. 35). A protagonista afirma que o pai não era tão mau e que a sua mãe ainda está viva.

Após essa lembrança, dentro do mesmo parágrafo, a protagonista retorna para o tempo presente. Há a indicação que ela já não era mais uma criança, a mãe já havia morrido. Relata a morte de mais duas pessoas, o retorno de uma para a Inglaterra. Levanta a possibilidade de uma mudança de vida para ela também. Usa-se a locução verbal “iria partir” para expressar uma incerteza sobre seu futuro próximo, visto que ela iria “[...] abandonar seu lar [...]” (JOYCE, 2014, p. 35).

Há a exclamação do termo “lar!”, indica um sentimento que pode ir desde emoção à súplica. Ela observa os móveis da casa que toda semana limpava e fazia essa mesma atividade por anos com a indagação de onde vinha a poeira que insistia em cair sobre aqueles móveis. Levanta a possibilidade de não ver aqueles móveis novamente, marcando o fim de um ciclo. Usando uma conjunção adversativa, o narrador chama a atenção para uma fotografia de um

padre que, embora a protagonista sempre limpava, nunca soube seu nome. Essa fotografia, localizada ao lado de uma imagem de uma santa, era de um colega do pai. O pai dizia que essa pessoa agora morava em Melbourne.

O foco volta para a protagonista, após essa digressão. Ela debate sobre a decisão que tinha tomado, a de partir. Pesava o lado positivo e o negativo. Variava entre a segurança de ter um lar, casa e comida, estar entre pessoas conhecidas e o fato de que teria uma jornada dupla de trabalho, em casa e no emprego fora. Aparece a presença da culpa ao pensar o que os outros, o julgamento de terceiros, fariam da pessoa dela quando tomassem conhecimento da tal fuga. Falariam do fato de ela ser facilmente enganada. Apresenta-se, aqui, um forte juízo de valor que recairia sobre ela. Ao ser definida pelo outro, há um apagamento da figura do eu. Então, há a presença de um pequeno diálogo, com exemplo de como ela seria tratada no ambiente de trabalho. Em seu entendimento, a figura do outro, no papel de sua superior, sempre a tratou com certa aspereza. O outro a diminui, especialmente perto da figura de terceiros.

Em seguida, há uma mudança de tempo, ela volta-se para o futuro, para a possibilidade de estar casada, vivendo em outro país, sendo bem tratada e respeitada. Ela imagina que “não sofreria como a mãe”. Existe aí a tentativa de ter um futuro diferente, de romper com círculos viciosos de violência provocada pelo pai. Aparece uma questão de gênero, do tratamento diferenciado que recebia do pai pelo fato de ser menina, um tratamento de indiferença, já que, com os irmãos, a situação era diferente.

A jovem com 19 anos sofre com a piora de sua situação, apresentando, além do sofrimento psicológico, também o sofrimento físico sintomatizado por palpitações. Nesse momento, além da rejeição, havia a ameaça do pai em abandoná-la. Essa ameaça intensifica o sentimento de solidão da protagonista, já que um de seus irmãos estava morto e o outro, sempre a viajar. Essas ausências a deixa desprotegida, vivendo em um ambiente hostil.

A figura paterna não provê completamente as necessidades do lar, haja vista que a própria Eveline emprega em sua casa o salário, além de alguma ajuda que recebe do irmão. O pai sempre a trata de maneira tirânica e acusatória, acrescentando o fato de que frequentemente se encontra embriagado e a acusa de desperdício.

Nota-se uma contradição nesse personagem. Em um primeiro momento, recusa-se a contribuir com as despesas da casa, porém, acaba cedendo e dando a ela algum dinheiro para as despesas do “[...] almoço de domingo [...]” (JOYCE, 2014, p. 37). Ao receber o dinheiro, ela, numa posição de submissão, vai cumprir com o dever de providenciar o que é necessário. Enfim, a protagonista cumpre uma função social de cuidar da casa e das crianças que estão

sob sua responsabilidade, e isso faz com que se sinta em meio a um paradoxo, visto que as contradições de sua existência, da desesperança, do abandono e do sofrimento contrastam com o fato de ela começar a achar que sua realidade não era de todo ruim.

Após fazer essa reflexão, a protagonista começa a imaginar a vida com o namorado. Ela ressalta as suas características morais, o considera um homem dotado de bons sentimentos. Na nova vida, moraria em outro continente bem distante de onde ela se encontra agora. Nesse ponto, nota-se uma alternância da concepção de tempo, indo de um futuro imaginário para o passado, no momento em que ela encontra o amado pela primeira vez. O tempo de namoro é engendrado hesitantemente como algo que possui ora uma duração prolongada, ora um curto espaço de tempo.

O namoro era público, pois o casal frequentava o teatro e ele a acompanhava até sua casa após ela sair do trabalho. Ele, possuindo “alguma voz” (JOYCE, 2014, p. 37), cantava para ela uma música sobre um marinheiro e sua amada. A chamava por um apelido carinhoso e ela nutria sentimentos por ele também, ou seja, dava esperanças e retribuía. O romance evoluiu de uma emoção passageira ao amor. As histórias dos mares que já viajara, dos navios em que trabalhara e suas aventuras pareciam cativar ainda mais a jovem. Para ela, esse namorado trazia a possibilidade de liberdade da situação na qual se encontrava e o descobrimento do novo.

Entretanto, com a descoberta do romance pelo pai e a discussão dos dois homens, ela é proibida de experimentar esse amor em toda sua complexidade.

Após essa visita ao passado, a protagonista volta ao tempo presente. Em suas mãos, há cartas, uma para o pai e outra para o irmão. Quando pensa no pai, se compadece com a velhice que está porvir. Então, rememora tempos ditos agradáveis que compartilharam: uma vez quando ela ficou doente e outra vez que fizeram um piquenique quando a mãe ainda era viva.

O narrador replica a mesma ideia do início do conto sobre o modo como ela estava naquele momento: “O tempo corria e ela continuava sentada à janela com a cabeça apoiada na cortina, aspirando o poeirento odor de cretone. ” (JOYCE, 2014, p. 38). A sensação de imobilidade invade a protagonista. Ela ouve o “som do realejo” (JOYCE, 2014, p. 38), que a faz lembrar de sua mãe e da promessa feita, de que cuidaria da casa. Logo, isso a faz voltar novamente ao passado, ao recordar da noite da morte da mãe. A mesma cena com os cantores e o pai os praguejando.

A protagonista é tomada novamente por uma dicotomia, a iminente partida e o apego às lembranças. A frase dita por sua mãe no leito de morte vem à sua memória: “— Derevaun

seraun! Derevaun seraun!” (JOYCE, 2014, p. 39). Para Tigges (1994, p. 102), a expressão, possivelmente derivada do irlandês, soaria como “Eu já estive lá, você deveria ir lá” – em inglês seria “I have been there, you should go there” –, o que corrobora com o dilema enfrentado pela protagonista.

Esse choque de lembrança a impulsiona a se mover, se levantar, pois a fuga com o namorado “Dar-lhe-ia vida, talvez também amor. ” (JOYCE, 2014, p. 39). Ela se considera detentora do direito à felicidade. A pessoa que lhe proporcionaria proteção, amor e liberdade encontra-se idealizada na figura do namorado.

Há uma mudança de ambiente, os jovens se encontram na estação de embarque, todavia, Eveline não consegue entender o que o namorado tentava dizer-lhe, nem consegue lhe responder. A suas ponderações entre ficar e partir ganha um novo contorno, então faz um apelo a Deus para que lhe “[...] a orientasse, que lhe mostrasse o caminho certo [...]” (JOYCE, 2014, p. 39), pois encontrava-se tomada por uma “[...] angustiada indecisão [...]” (JOYCE, 2014, p. 39).

A atmosfera provocada pela imagem imponente do navio, em meio à névoa, a movimentação dos soldados invocava à protagonista certo torpor, elevando sua angústia da indecisão não apenas no campo psicológico, mas também no físico, causando-lhe “náuseas” (JOYCE, 2014, p. 39). O toque do sino ecoou não apenas no ambiente, mas dentro de si, “[...] em seu coração [...]” (JOYCE, 2014, p. 39). Esse som reverbera em seu ser. Mesmo com o amado chamando-a para que vá com ele, uma mudança ocorre, o que antes representava liberdade e proteção agora a sufocava: “[...] os mares do mundo envolviam seu coração. Frank arrastava-a para eles: ia afogá-la [...]” (JOYCE, 2014, p. 39).

Escolhera ficar, enquanto o namorado gritava por seu nome, ela “[...] agarrou-se às grades de ferro [...]” (JOYCE, 2014, p. 39). Diante daquele furacão que a invadia, ela “[...] lançou um grito de angústia [...] (JOYCE, 2014, p.40) ”. Esse sentimento não permitiria que ela partisse em busca da felicidade, amor, uma nova vida. Embora Frank continuasse a clamar por seu nome, “[...] inerte, Eveline fitava-o como um animal condenado [...]”. (JOYCE, 2014, p. 40). A renúncia feita tem como resultado a privação de liberdade para a protagonista. A partir do momento em que isso ocorre, há também a morte dos sentimentos que ela nutria pelo namorado, já que “Não havia em seus olhos sinal de amor ou saudade. Parecia nem mesmo reconhecê-lo. ” (JOYCE, 2014, p. 40). A desistência da partida leva consigo uma desistência de si mesma.

### **3 Françoise, uma outra protagonista, falante, porém sozinha**

No décimo terceiro conto do livro *Tarde da noite*, de Luiz Vilela, encontra-se esta intrigante personagem, Françoise. Para comparar esse conto com o “Eveline”, de Joyce, baseamo-nos no conceito de influência de Sandra Nitrini (2000), que esclarece que, na primeira acepção, a influência “[...] indica a soma de relações de contato de qualquer espécie, que se pode estabelecer entre um emissor e um receptor [...]” (NITRINI, 2000, p. 127). Pelos títulos dos dois contos, pode-se notar a presença da influência operando, já que ambos são compostos pelos nomes femininos que retratam as protagonistas dos dois contos.

A segunda acepção desse conceito diz respeito ao caráter qualitativo, que é “[...] o resultado artístico autônomo de uma relação de contato [...]” (NITRINI, 2000, p. 127), podendo ser de “[...] contato direto ou indireto de uma fonte por um autor [...]” (NITRINI, 2000, p. 127). Ela salienta que o resultado desse contato, nem sempre fácil de analisar no texto, pode ser identificado e reconhecido com certa variação, desde uma mais visível até uma menos perceptível, entretanto, isso não anula a independência e o resultado autônomo da obra (NITRINI, 2000).

Essas duas acepções fazem-se importantes para a análise comparativa desses dois contos, pois é possível notar elementos que operam da mesma forma, mesmo que sejam diferentemente abordados pelo o segundo autor, o brasileiro Luiz Vilela. Isso posto, no conto “Françoise”, de Vilela, o foco narrativo encontra-se na primeira pessoa, com o narrador-personagem, enquanto, em “Eveline”, do irlandês Joyce, o foco narrativo está em terceira pessoa e a figura do narrador é marcada pela onisciência.

Ao passo que o enredo do conto “Eveline” começa com a personagem em casa, no conto “Françoise” ele se passa em uma rodoviária com o narrador-personagem descrevendo uma jovem que, por algumas vezes, passara em sua frente. Esse narrador especula sobre o motivo de a jovem estar naquele recinto, então ele julga que ela provavelmente não iria viajar, visto que se encontrava com “[...] os cabelos em desalinho e a roupa um pouco desleixada [...]” (VILELA, 1983, p. 78), logo, estaria mais para uma pessoa que espera por alguém.

O narrador avista um jovem aproximando-se e considera que ele seja o motivo de aquela jovem estar ali, porém, o jovem continua seu caminho e a moça também não mostra nenhum sinal de que conheça o rapaz. Então, o narrador se mostra irônico consigo mesmo ao constatar que estava enganado, até que um diálogo é iniciado pela jovem, o que causa espanto no narrador.

No conto de James Joyce, há três passagens contendo diálogos. Nos dois primeiros, os diálogos aconteceram no passado e a protagonista os rememora. Apenas o terceiro diálogo se

passa no tempo presente, porém com uma ressalva, haja vista que apenas o amado da protagonista representa um papel nessa fala. A jovem não manifesta em voz alta seus pensamentos. Todos os momentos de fala são representados por terceiros. Entretanto, em Vilela, a jovem e o narrador empreendem conversas que, a princípio, são breves, mas que tendem a evoluir e apresentar-se densamente.

Paul Valéry (1960 *apud* NITRINI, 2000, p. 133) aponta que “[...] o estudo de influências é a pesquisa de semelhanças escondidas, de parentescos secretos entre duas visões de mundo.”. Essa acepção de influência formulada por Valéry postular que “Ocorre que a obra de um recebe no ser do outro um valor totalmente singular [...]” (VALÉRY, 1960 *apud* NITRINI, p. 132) e o resultado que se tem dessa “[...] atividade derivada é essencial à produção em todos os gêneros [...]” (VALÉRY, 1960 *apud* NITRINI, 2000, p. 132). Assim, enquanto, em Joyce, o desenrolar da trama se passa principalmente através do campo do pensamento da protagonista, há uma mudança de eixo em Vilela, já que a protagonista se utiliza do discurso direto para externalizar o que se passa no campo psicológico, mesmo que parcialmente.

Assim, o narrador é surpreendido com a simples pergunta da protagonista: “Você conhece?”. Em seguida, ele responde com outra, igualmente simples, a indagação: “O quê?”. Durante o breve momento antes da resposta da jovem, ele descreve, na narrativa, o modo como ela se encontrava, até que eles voltam ao ponto da conversa. Então, a jovem aponta para o ônibus e diz: “Lindóia”.

Em resposta, o narrador nega, então a jovem demonstra uma certa resistência em tomar uma decisão, à maneira de Eveline. Há o pedido para se sentar próximo a ele. Os trejeitos apresentados por ela para fazer esse movimento denotam um ar de infantilidade. O diálogo é retomado com a moça indicando o desejo de conhecer tal lugar. Ela se põe a lembrar sua infância e a sua mãe, quando sua genitora cantava uma música contendo a palavra Lindóia. Esse processo de rememoração que, em “Eveline”, realiza-se por meio de um diálogo interno consigo mesmo, em “Françoise” ele se dá de forma externa, através do discurso direto.

Embora haja uma mudança do foco discursivo, ambos os textos se encaixam na perspectiva da intertextualidade proposta por Carvalhal (2003) – para ela, a “[...] intertextualidade nos permite entender que ler um texto é lançá-lo num espaço interdiscursivo e na relação de vários códigos, que são constituídos pelo ‘diálogo entre textos e leituras’ [...]” (CARVALHAL 2003, p. 77), ou seja, mesmo que haja mudanças sensíveis, é notória a



presença de relações entre os discursos no que diz respeito ao papel e à figura da mãe de ambas as protagonistas.

Essa intertextualidade vai ao encontro das acepções que Kristeva (1974) dispõe e traz à baila, algo que vai além da intertextualidade, denominada de “transposição” (KRISTEVA, 1974, p. 60), pois “[...] tem a vantagem de precisar que a passagem de um sistema signifiante a um outro exige uma nova articulação da temática existencial, da posição enunciativa e denotativa.” (KRISTEVA, 1974, p. 60). Essa nova passagem, resultando em uma nova criação, é claramente notada no segundo conto, “Françoise”, visto que a atmosfera criada por Vilela modifica e traz uma nova roupagem ao conto.

A protagonista do conto “Françoise”, oscilando entre perguntas diretas e retóricas, interroga o narrador sobre Lindóia. Confuso, ele pergunta o motivo pelo qual ela nunca pediu à mãe ou ao pai para levá-la a tal cidade. A jovem conta que a mãe faleceu, assim como o pai, antes de ela nascer. Também menciona o irmão mais velho que, por outro lado, chegou a conhecer o pai.

O narrador muda de assunto e pergunta o seu nome, que ela responde “Françoise” (VILELA, 1983, p. 80). Ela revela que a bisavô era francesa, por isso o nome. Diz, também, que gosta de vir à rodoviária ver “[...] gente chegando, gente saindo...” (VILELA, 1983, p. 81), porém isso a deixa triste. Enquanto, no texto de Joyce, o lugar de chegada e partida se dá em um porto, onde os navios atracam e partem, em Vilela ocorre em uma rodoviária.

A jovem retoma a conversa, perguntando se o narrador gosta de ficar sozinho, então este afirma que está cansado, que gostaria de cochilar antes da próxima viagem. Ela se assusta, pois pensa que está atrapalhando seu descanso. Ele insiste que não. Ela volta para a posição peculiar em que se encontrava no início da conversa. Ao ser questionada se sentia frio, ela responde que “[...] vivo sentindo frio; sinto o frio o ano inteiro. Mesmo quando o dia está quente eu às vezes ainda sinto frio.” (VILELA, 1983, p. 81). Esse frio que a jovem sente parece ser algo psicológico que reverbera em algo físico, a mesma maneira das náuseas sentidas por Eveline.

Ela pergunta se tem cigarro para fumar. Ele arranja um. Ela traga o cigarro e conta sobre seu tio, ela e o irmão moram com ele desde a morte da mãe. O tio não gosta que ela fume, esse ato da jovem é um ato de subversão às regras impostas por esse tio. Para o narrador, ela apresenta uma dualidade em seu semblante, se séria, aparenta ser mais velha e madura, se sorri, infantil. Ao reparar em seus olhos e elogiá-los, ela recita um verso que seu irmão fez para ela: “Seus olhos úmidos como as duas metades de uma laranja partida.” (VILELA, 1983, p. 83).

Françoise, então, divaga sobre como seu irmão, que é poeta, a instigava a ter imaginação e cita como exemplo as frutas, pois elas têm “macho e fêmea” (VILELA, 1983, p. 83). Ela vai intercambiando informações sobre o irmão e o tio. Este acha essas coisas tolas, queria que seu irmão fosse médico, porém ele gostava mesmo é de poesia. O tio desejava que o irmão fosse rico, mas não era essa a expectativa do irmão. O tio também tinha expectativas para o futuro dela, queria que fosse contadora em uma fábrica, pois era uma “[...] carreira futura [...]” (VILELA, 1983, p. 84). A garota acha essa palavra desprovida de beleza, diz que aprecia palavras bonitas. Compara as palavras com as pessoas, existem pessoa de todo tipo. As palavras, quando observadas atentamente, parecem até ganhar vida. Ela pede para o narrador falar uma palavra bonita, então ele diz: “Françoise”. Após um momento de silêncio, ela continua a conversa, falando que, no Brasil, seu nome seria Francisca, que teria apelidos condizentes com o nome. O narrador, então, canta um trecho da música Maria Chiquinha, isso provoca nela uma explosão de alegria. Ela afirma que o narrador se parece com seu irmão.

Esse momento de descontração afasta o frio que a jovem sentia e, ao ser pedida para falar mais do irmão, uma nova aura toma conta de sua face. Em uma troca de palavras, ela pergunta se o personagem com quem fala também é poeta, ele nega, mas afirma gostar muito de poesia. O poeta preferido do irmão é um alemão, que, para ela, tem um “nome difícil de falar” (VILELA, 1983, p. 85). O narrador cita um e ela confirma sendo esse. O narrador diz que ele morreu louco, então isso a deixa pensativa. Em seguida, ela diz que deve ser bom morrer louco, pois “Um louco não vê as coisas...” (VILELA, 1983, p. 85).

O narrador pergunta sobre o que ela faz para se divertir, ela afirma que não tem muito dinheiro, então as diversões são limitadas. Suas maiores diversões são ir ao cinema com o irmão, mesmo que raramente, ou ir ao bar. O irmão permite que ela beba chope e fume cigarro, enquanto o tio odeia. Porém, o tio não a agride por causa disso, mas ela afirma que o modo como ele a “[...] olha é pior do se ele me batesse [...]” (VILELA, 1983, p. 86).

Ela afirma ser sozinha, sem amigas também, e pergunta se ele não a acha “esquisita” (VILELA, 1983, p. 87), pois ela já quis ser várias coisas, ser um ônibus, uma corrente, um prédio. Em “Eveline”, a protagonista ansiava uma liberdade que viria com a sua partida, enquanto, em “Françoise”, a liberdade da protagonista se transforma, podendo se tornar, inclusive, um objeto.

A hora da partida do narrador se aproxima. A protagonista passa do momento de euforia para o de tristeza, então diz que acha que seu irmão “[...] nunca mais vai voltar [...]” (VILELA, 1983, p. 87). Ela conta que ele está viajando, mas essa viagem está demorando muito. A viagem é uma metáfora para a morte. Em seguida, o tio dela surge na rodoviária e a

garota dispara em fuga. O tio, então, indaga ao narrador se ele é amigo ou se conhece a jovem. Diante da negativa, ele explica que ela é muito nova e “[...] além do mais ela não é uma moça perfeita [...]” (VILELA, 1983, p. 88). O narrador estranha essa fala do tio, que, então, explica que a jovem possui uma “perturbação psíquica” (VILELA, 1983, p. 89) provocada pela morte do irmão. Isso a afetou e a sua forma de superar essa perda está sendo através da história criada por ela mesma de que o irmão encontra-se viajando. O tio não tinha condições financeiras de arcar com os custos de tratamento para ela, mas já a considerava normal e “[...] até uma garota feliz [...]” (VILELA, 1983, p. 89). No encerramento desse conto, observa-se uma “Mudança no nível de sentido, no qual o esquema semântico é retomado no contexto num novo nível de sentido [...]” (JENNY, 1983, p. 43), pois a protagonista foge do tio, que exerce uma figura de opressor sobre ela, enquanto, em “Eveline”, a protagonista retorna para a companhia do pai, que, com seus xingamentos, também exerce uma opressão sobre ela.

Podemos mencionar também outra mudança que diz respeito à forma como a protagonista é percebida no segundo conto: para o tio, ela é feliz. Porém, no primeiro conto, a protagonista não se considera feliz. A felicidade seria uma possibilidade que ela experimentaria se fugisse com o namorado, evento que não se realiza. Assim, a “transposição” proposta por Kristeva (1974) se realiza, pois a teórica entende essa “transposição” como “[...] a passagem de um sistema significante a um outro exige uma nova articulação da temática existencial, da posição enunciativa e denotativa [...]” (KRISTEVA, 1974, p. 60).

Laurent Jenny (1979), quando trata do tema da intertextualidade, pontua que pode ser tanto implícita quanto explícita e afirma que “[...] um único sema permite a reutilização da imagem noutra construção temática [...]” (JENNY, 1979, p. 15). Em “Eveline”, a jovem sofre porque precisa tomar uma decisão entre partir ou continuar sua vida na mesma rotina, cuidando de seu pai e aceitando a solidão que a consome. Um dos semas que conecta esses dois contos trata da solidão que a personagem Françoise também enfrenta no conto de Vilela, desde a perda dos pais até a recente partida do irmão. Os simbolismos operantes para retratar esse sentimento, claramente, apresentam aspectos e características de narrativa que diferem de um autor para o outro. Enquanto no primeiro conto essa luta com a solidão se dá no campo psicológico e sem a protagonista usar de sua voz para falar desse sentimento, no segundo conto a protagonista utiliza-se de diálogos que, no desenrolar das ideias, confluem para indicar que ambas as protagonistas possuem as mesmas emoções.

Todavia, as unidades de significação similares presentes em ambos os textos não se resumem apenas ao aspecto da solidão das protagonistas. As estruturas familiares, embora apresentem sensíveis diferenças, também mostram características em comum. Essas similaridades convergem para o que Borges (2000) aponta sobre os caminhos da escrita: “O fato é que cada escritor cria seus precursores.” (BORGES, 2000, p. 281-282). A Françoise de Luiz Vilela é precedida pela Eveline de James Joyce. Nitrini (2000) aponta para o que Cláudio Guillén afirma sobre o conceito de tradição: “[...] constituem convenções que supõem ou conotam seqüências temporais.” (NITRINI, 2000, p. 138). Esse conceito corrobora o processo apontado por T. S. Eliot (1989) no que também diz respeito à tradição em seu sentido histórico, que abrange marcos temporais e atemporais e faz com que o “[...] autor se torne consciente de sua contemporaneidade [...]” (ELIOT, 1989, p. 38). Assim, a tradição não pode ser passada de um autor a outro, ela precisa ser “[...] conquistada através de grande esforço [...]” (ELIOT, 1989, p. 38).

#### **4 Considerações finais**

As similaridades que constituem ambos os contos podem ser observadas de acordo com as diferentes teorias que fazem parte da seara do campo de estudos da Literatura Comparada. Os simbolismos operantes em ambos os textos vão além da presença de pequenas unidades de significação, atuando nos campos da intertextualidade de acordo com as postulações de Júlia Kristeva (1974) numa relação que faz os textos se movimentarem e, como consequência, se transformarem.

O novo texto vai de encontro com a tradição, na medida em que um autor contemporâneo carrega em si a criação dos autores que o precederam, como colocado por Nitrini (2000), Borges (2000) e T. S. Eliot (1989). Porém, nem por isso a nova criação deixa de ter originalidade, pois esta depende do talento individual de cada autor. Da mesma forma, a noção de influência, mostrada por Nitrini e Valéry, ocorre pela transferência de valores. Essa influência é um fator importante e presente na estética desses dois contos, visto que um autor absorve e transforma o que consumiu de outro e apresenta como resultado um novo texto dotado de originalidade.

As intertextualidades engendradas no conto “Françoise”, muitas das vezes, pode parecer de maneira indireta. Todavia, a atmosfera na qual a protagonista está envolvida claramente se relaciona com a atmosfera na qual Eveline também se encontra presa. Os paradoxos enfrentados pelas duas jovens se modificam de acordo com o marco temporal no

qual estão envolvidas, mas nem por isso são ambíguas ou se dão pela negação. Pelo contrário, se complementam, pois, enquanto Eveline está presa em seu drama, no qual ela debate consigo mesma no plano do pensamento, para Françoise esse debate se dá também no campo do diálogo.

Diferenças também são observadas tanto no âmbito do foco narrativo – passando do narrador onisciente, em “Eveline”, para o narrador-personagem, em “Françoise” –, quanto na ambientação dos contos e em seus enredos – há diferenças no que diz respeito aos personagens e suas funções no conto, mesmo assim eles orbitam em torno das personagens principais, Eveline e Françoise, respectivamente.

Dessa forma, a Literatura Comparada traz contribuições para a leitura e o entendimento dos textos em aspectos que convergem e divergem entre si. Porém, as diferentes leituras feitas de tais contos dependem da compreensão do leitor, ou seja, “[...] pressupõe uma competência de decifração [...]” (JENNY, 1979, p. 6).

## Referências

BORGES, Jorge Luis. **Jorge Luis Borges**: obras completas II. São Paulo: Globo, 2000. v. 2.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CORTÁZAR, Julio, 1914-1984. *In*: Valise de cronópio / Julio Cortázar ; Tradução Davi Arriguci. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradição e talento individual. *In*: ELIOT, Thomas Stearns. **Ensaio**. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. *In*: INTERTEXTUALIDADES. Tradução do francês de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Livraria Almedina, 1979. p. 5-49. (Tradução da edição original francesa de Poétique: Revue de Théorie et d'Analyse Littéraires. Paris: Editions du Seuil, [197-]. n. 27).

JOYCE, James. Eveline. *In*: JOYCE, James. **Dublinenses**. Tradução de Hamilton Trevisan. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 35-40.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

TIGGES, Wim. “Derevaun seraun!”: resignation or escape? **James Joyce Quarterly**, v. 32, n. 1, p. 102-104, 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25473617>. Acesso em: 27 jun. 2023.

VILELA, Luiz. Françoise. *In*: VILELA, Luiz. **Tarde da noite**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1983. p. 78-89.